

**‘MANO COMO ASSIM’, A PRODUÇÃO INFANTIL NA ERA DA
LINGUAGEM MIDIÁTICA:
O QUE DIZEM AS CRIANÇAS NOS APLICATIVOS TIKTOK E INSTAGRAM**

**‘BRO WHAT DO YOU MEAN’, CHILDREN’S PRODUCTION IN THE ERA OF
MEDIA LANGUAGE:
WHAT KIDS SAY ON TIKTOK AND INSTAGRAM APPS**

Flávia Miller Naethe Motta¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Iara Maravalha Freire²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: O presente artigo apresenta análises ensaísticas de um estudo que vem sendo realizado com crianças nas redes sociais, em especial nos aplicativos do TikTok e Instagram, cujo objetivo geral é conhecer o que dizem em suas produções audiovisuais, ao postarem seus vídeos nas redes sociais. Baseou-se na Teoria da Enunciação de Bakhtin em diálogo com o paradigma indiciário de Ginzburg para a realização da análise dos discursos no ambiente digital. Os resultados encontrados nos encaminham a afirmarmos que as crianças estão enunciando de forma ativa, autoral e colaborativa, tendo seus modos de dizer alterados pelos artefatos digitais oferecidos pelos aplicativos TikTok e Instagram. Nesse ato de elaboração de suas postagens, entendendo as postagens como um tipo de gênero digital, as crianças deixam de ser apenas consumidoras e assumem o lugar de produtoras de conteúdo. As crianças estão brincando, enunciando, se apropriando e produzindo cultura. Nessa intrínseca relação com a cibercultura reluzem uma nova forma de ser criança na contemporaneidade.

Palavras-chave: linguagem digital; cibercultura; rede social; discursos infantis.

Abstract: This article presents essay analysis of a study that has been carried out with children on social networks, especially on TikTok and Instagram applications, whose general objective is to know what they say in their audiovisual productions, when they post their videos on social networks. It was based on Bakhtin's Theory of Enunciation in dialogue with Ginzburg's evidentiary paradigm to carry out the analysis of discourses in the digital environment. The results found lead us to affirm that children are enunciating in an active, authorial and collaborative way, having their ways of saying altered by the digital artifacts offered by the TikTok and Instagram applications. In this act of preparing their posts, understanding posts as a type of digital genre, children are no longer just consumers and take the place of content producers. Children are

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); coordenadora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: flaviamnotta@gmail.com.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); professora da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro, atuando em nível técnico e gerencial. Aprovada no processo seletivo para o curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ). E-mail: iaramfreire@yahoo.com.br

playing, enunciating, appropriating and producing culture. In this intrinsic relationship with cyberculture, a new way of being a child in contemporary times shines through.

Keywords: Digital language; Cyberculture; Social network; Children's speeches.

Submetido em 8 de fevereiro de 2023.

Aprovado em 24 de março de 2023.

Considerações iniciais

Ao nos encaminharmos pelo pensamento bakhtiniano, somos convidados a concebermos a linguagem como um fenômeno interacionista cujo processo de constituição envolve os sujeitos, seus discursos e os diferentes contextos, considerando-se as dimensões histórica, social e cultural. Esses diferentes contextos, de acordo com o postulado por Smolka (2004), são entendidos como meio/ambiente ou campo de aplicação de condutas reguladas social e culturalmente. É com o uso da linguagem, focado em sua discursividade, e por meio dela que os sujeitos se auto revelam e (re)elaboram os sentidos diante do mundo e de si, marcando o processo de alteridade na sua constituição humana, na formação de sua consciência e na sua condição de produtor de discursos.

Os discursos, entendidos como práticas de linguagem nas relações dialógicas, se tornam formas de expressão, de interlocução e interação que se realizam por meio de signos verbais, visuais ou verbo-visuais. Essas práticas de linguagem se materializam pelos enunciados concretos que emergem de um contexto semântico e estão de acordo com as diferentes esferas de seu uso. São essas diferentes esferas de atividades humanas que determinam as formas relativamente estáveis denominadas por Bakhtin (2015) de gêneros discursivos, entendidos como produtos culturais, que em suas análises implicam a necessidade de se considerar a dimensão espaço-temporal de sua produção.

Sob a perspectiva bakhtiniana, o sujeito assume o papel ativo de produtor de linguagem, quando convidado pelo outro a ingressar no diálogo. Com Brait (2004) compreendemos que a linguagem em uso é fundante dos processos de construção do sentido e de seus efeitos, são as formas de diálogo entre sujeitos sociais, históricos, discursivos e as formas do dizer e do ser no mundo.

Na atualidade, com o advento e ampliação das tecnologias digitais as interações dialógicas se concretizam atravessadas por eventos dos espaços-tempos físicos e digitais, (re)significando os modos de comunicação e interação. No campo das tecnologias digitais, pelos artefatos disponibilizados para os interlocutores, a linguagem apresenta um

novo estilo, evidenciando o surgimento de novos gêneros discursivos. Assim, as novas semioses constitutivas das linguagens híbridas e hipermediáticas se configuram pela combinação de dados, textos, imagens fixas e animadas, sons e vídeos que possibilitam novas formas de expressão e interação instituídas no universo ideológico da cultura digital. Impõe ao sujeito novos conhecimentos e habilidades.

É por esse viés, dentro dessa concepção, que nos propomos a refletir sobre as produções infantis de linguagem nos ambientes virtuais.

1. A linguagem como evento social

Nossos pensamentos, comportamentos e nossas palavras se constituem em uma rede tecida na relação social fundante da vida humana. É na dialogia com o outro e com o mundo que o sujeito assumindo um ato de responsividade e de responsabilidade mantém uma rede de interação que o constitui enquanto humano. A polifonia, a inconclusividade e o não acabamento discursivo decorrente do fenômeno sociocultural de interação marcam a conexão entre linguagem, sujeito e sociedade.

Historicamente a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato (BAKHTIN, 2012, p. 84). Pensar na linguagem como ato responsável significa entender que, na arquitetura do mundo, o sujeito é um ser pensante, ativo, participante que enuncia de forma ativamente responsiva e responsável as questões da vida. Bakhtin nos diz que todo ser humano é enunciador por excelência, na vida (na arquitetura do ato responsável) e na arte (na criação cronotópica a partir de posição ao mesmo tempo empática e extralocalizada em relação à vida afigurada) (LOPES; MELLO, 2017, p. 21).

Assim, compreendemos que a linguagem é uma criação humana, que se concretiza em um contínuo do intelecto humano e que ganha sentido nos atos reais de fala de acordo com determinado contexto concreto de interação, sendo esse contexto fator determinante para o ato de compreensão e significação dos enunciados. Para que esse processo de compreensão ocorra é necessário que os interlocutores participantes do evento comunicativo tenham o mesmo horizonte social.

Ao construir as linguagens como lugar de diálogo, como mediação, entre o eu que fala com o outro que fala comigo, naquele contexto preciso, ambos damos conta de inculcar em um pedaço do mundo, seja o que for, nossa vida, nossas emoções, nossos quereres, nossos valores.

Como mencionado por Volochínov (2013) a linguagem é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica

como a sociopolítica que a gerou. É na unicidade dos eventos da vida concreta, no encontro entre o eu e o outro, que surgem as práticas de linguagem nos acontecimentos interacionais das esferas cotidianas e das esferas especializadas da criação ideológica.

O uso da língua se concretiza pelos enunciados orais ou escritos, concretos e únicos que apresentam especificidades do campo da atividade humana da qual originam. Cada campo de atividade humana concebe seus próprios gêneros discursivos que apresentam sua finalidade, bem como, os interlocutores envolvidos na comunicação discursiva. São constituídos dentro de uma situação social de interação, dinamizando as relações entre os sujeitos demarcados pela cultura e pela dimensão espaço-temporal. São produtos culturais, modos de dizer (FARACO, 2003).

Pensamos pelos enunciados que ouvimos, lemos, vemos, e, a partir da compreensão e dos sentidos que elaboramos, então enunciamos dentro de uma determinada forma de gênero.

Ancoradas nas palavras de Medviédev (2016) de que os gêneros na sua dimensão externa buscam atender as expectativas da vida real, entendendo que essa vida se concretiza demarcada por um determinado espaço/tempo histórico-cultural, fica-nos a indagação de como na contemporaneidade, com a expansão das tecnologias da informação e da comunicação, as crianças se comunicam através dos novos gêneros discursivos e das novas semioses que os constituem.

2. A cibercultura e as novas linguagens

Na contemporaneidade, à luz dos estudos da linguagem, observa-se que, especialmente com a expansão dos meios de informação e de comunicação, através das tecnologias digitais, as linguagens, em sua totalidade – verbal, visual e verbo-visuais –, vêm impondo ao sujeito a necessidade de mobilização de diferentes conhecimentos com a capacidade de fazer usos de softwares, de buscar e selecionar informações, utilizar hyperlinks e ter competências para interpretar, analisar criticamente e avaliar tudo que lhe é oferecido através das mídias digitais. Saber operar com recursos tecnológicos da informação e da comunicação, tanto pode envolver apenas uma pequena dose de cognição, com sínteses muito básicas, quanto pode exigir um esforço imenso para a integração de componentes distintos de uma imensa rede de significações e para a produção de estratégias hipotético-dedutivas, nas quais o pensamento crítico é essencial (MAMEDE-NEVES, 2004; DUARTE 2008).

Assim, compreendemos com Brait (2004) que também o homem contemporâneo, embora não se dê conta, vive sob a força das linguagens, da interferência no seu cotidiano. Elas estão presentes, constituindo a cotidianidade humana, forjando e simulando identidades. Aqui o conceito de contemporâneo é fundamentado em Agamben (2009) sendo compreendido não pelo viés do sentido cronológico da passagem do tempo, mas pelas experiências observadas e vividas pelos sujeitos dentro de uma determinada época. A época do tempo presente. Em que, segundo ainda o autor, ser contemporâneo a sua época, implica buscar ver não apenas aquilo que ela torna visível, mas a uma tomada de posição, a partir da problematização e de questionamentos no/sobre o tempo presente. Nesse sentido, cabe-nos indagações e reflexões acerca do redesenho, da reconfiguração das relações sociais, das alterações nos processos de interlocução decorrentes da ampliação das tecnologias de informação e comunicação.

Novos textos e semioses surgem nas circunstâncias do fazeres cotidiano dos sujeitos em movimentos constantes que marcam uma historicidade e um contexto sociocultural. Rojo (2020) afirma que “os textos contemporâneos em circulação apresentam uma multiplicidade de linguagens, modos ou semioses [...] sejam nos impressos, seja nas mídias audiovisuais, digitais ou não” (ROJO, 2020, p. 18). Esses textos refletem a multiculturalidade da sociedade globalizada e se constituem com uma pluralidade semiótica, sendo utilizado como mediadores nos processos de formação, informação e interação dos sujeitos.

Santaella (2021,) afirma que com a emergência da web, ocorrida nos meados dos anos 90, as facilidades de suas interfaces gráficas começaram a trazer uma nova linguagem hipertextual e hipermídia para as telas, introduzindo novos hábitos interativos de comunicação em rede. Esse fato, de acordo com o postulado pela autora, fez surgir novas formas de produção e socialização, caracterizando diferentes maneiras de interação, de inserção, compartilhamento e armazenamento de dados que ocorrem no espaço informacional da internet. Emerge, então, a cultura das tecnologias digitais em rede, uma cultura criada e veiculada no universo virtual. Neste contexto, segundo a autora “já não há lugar, nenhum ponto de gravidade de antemão garantido para qualquer linguagem, pois todas entram na dança das instabilidades” (SANTAELLA, 2007, p. 24). Há uma nova configuração e circulação das linguagens, de acordo com as características moventes e líquidas do ciberespaço. Assim:

(...) linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...]. Textos, imagem e som já não são o que costumam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se,

confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestava. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz (SANTAELLA, 2007, p. 24).

Em consequência dessa produção de cultura digital, surge um novo perfil de leitor e de produtor de linguagem no espaço virtual. O leitor é um agente livre, imersivo que assume um papel interativo no ato de ler no ambiente digital, uma vez que esse ambiente é totalmente flexível e permite uma leitura não linear.

Com relação ao processo de autoria, destacamos que o ato de produção de linguagem também foi modificado pelo uso das novas tecnologias. Como enfatizado por Lemke (2010), hoje qualquer um edita um áudio ou um vídeo em casa, produz animações de boa qualidade, constrói objetos e ambientes tridimensionais, combinados com textos e imagens paradas, adiciona música e voz e produz muito além do que qualquer editora ou estúdio de cinema poderia fazer até alguns anos atrás.

Desta forma, nesse texto interessa-nos colocar em diálogo as novas formas de interação e de subjetivação das crianças, que vão sendo tecida no movimento social e cultural a partir das experiências de infância que vivenciam na cibercultura. Referendamos aqui a cibercultura como a cultura contemporânea cuja produção material e simbólica se dá pelo atravessamento direto ou indireto das tecnologias nas experiências cotidianas (Pereira, 2015). A cibercultura é a cultura da colaboração onde os papéis, a priori determinado – adultos e crianças, passam a ser renegociados, cabendo o lugar de autoria e de produção de conhecimento e de cultura para todos os sujeitos imersos no ciberespaço.

Testemunhamos, como postulado Buckingham (2010), que as crianças e jovens estão utilizando as mídias como formas culturais, tornando-se necessário o desenvolvimento de habilidades e práticas de compreensão. Nesse sentido, esses usuários, dentre outros aspectos, precisam ser capazes de avaliar o material que encontram, precisam ter habilidades analíticas e uma metalinguagem para descrever como a língua funciona, os jovens precisam ter consciência das influências comerciais e as crianças precisam perceber quando são alvos de apelos comerciais.

Diante do exposto, desperta-nos o interesse de investigar quais são as experiências de infância apresentada pelas crianças em suas enunciações realizadas na plataforma online TikTok. Consideramos que esse espaço virtual aproxima os sujeitos, favorecendo a

conexão entre eles, a produção de conteúdos e a expressão da criatividade pelas possibilidades oferecidas por suas ferramentas de edição e seus efeitos.

3. As redes sociais on-line: TikTok e Instagram

Concebemos as redes sociais on-line como espaços dialógicos, que conectam diferentes sujeitos pelo viés dos interesses pessoais, valores e crenças compartilhados. Cuero (2009) afirma que as redes sociais se constituem de dois elementos que não podem ser observados de forma dissociada: os atores sociais – sujeitos, instituições e grupos e as conexões formadas pelas interações que originam os diferentes grupos sociais.

Essas conexões, pela perspectiva técnica, como mencionado por Lévy (2010, p. 129) é um bem em si. [...] cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel à torradeira, deve possuir um endereço na internet. Para Levy (2010) as conexões, ou melhor, as interconexões é um dos princípios do ciberespaço que rompe as fronteiras comunicativas entre a humanidade.

Lévy (2010) afirma que a formação dos grupos sociais, por ele chamado de comunidades virtuais é o segundo princípio da cibercultura. Ainda de acordo com o autor, as comunidades virtuais são constituídas sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

As redes sociais se caracterizam pela possibilidade de expressão, de comunicação e interação mediados pelo computador, sendo mais precisamente pela internet (CUERO, 2009). Nesse espaço interativo no ciberespaço, os atores sociais, ou seja os seus usuários, ao se expressarem, assumindo seu lugar de fala, manifestam características subjetivas de sua personalidade, seus valores e interesses que marcam sua presença nesse lugar com formas de representações identitárias no ciberespaço. Essas representações permitem que os demais usuários tenham percepção do perfil e do padrão do sujeito falante e por afinidades acabam constituindo suas conexões de relacionamento. Ao atuarem nas redes sociais os sujeitos vão deixando seus rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas conexões através de seus rastros (CUERO, 2009). É a conjugação da expressão, da palavra do ‘eu’ com a percepção do ‘outro’ dessa expressão, dessa palavra que se concretizam as redes sociais. Esse movimento interacional ilustra o princípio de alteridade bakhtiniano que afirma ser imprescindível a presença do outro, a consciência do outro para a existência humana. Assim,

compreendemos que o epicentro para a existência das redes sociais é a ação interativa dos sujeitos que decorre dos laços sociais que são instituídos.

Podemos claramente observar esse evento analisando os acontecimentos que se consolidam nos aplicativos TikTok e Instagram. Ambas as redes sociais oferecem em suas plataformas espaços comunicacionais onde as narrações se dão pelas linguagens midiáticas a partir de uma abordagem interativa e colaborativa. As relações interativas acontecem apoiadas nas publicações de fotos, vídeos e músicas pelo criador na sua conta, ou seja, no seu espaço dentro do ciberespaço. Em diálogo com as publicações realizadas, sua rede de relacionamento, assim dizendo, seus seguidores assumem uma ideologia de comportamento, podendo realizar breves comentários, momento em que é estabelecido um processo de interlocução discursiva ou apenas curtir delineando a interação ocorrida.

Van Dijck (2013, p. 12 *apud* MONTARDO, 2019, p. 171) evidencia que mais do que apenas facilitar trocas entre os usuários [...], as plataformas configuram-se como sistemas automatizados que projetam e manipulam conexões. Através da automatização dos algoritmos as plataformas vão estabelecendo relações entre os sujeitos e os conteúdos em conformidade com seus gostos e preferências. Esse sistema de automação gera um oferecimento de produtos, conteúdos e o incentivo aos estabelecimentos de novas conexões de relacionamento. De acordo com Van Dijck (2013, p. 12 *apud* MONTARDO, 2019, p. 172) as plataformas tanto podem ser entendidas como construtos tecno-culturais (tecnologia, conteúdo e usuários) quanto como estruturas socioeconômicas. Interessamos aqui o estudo na perspectiva tecno-cultural delineando, a partir de indícios interpretativos, como as crianças instauram seus processos interacionais nos ambientes virtuais e o que comunicam as crianças em suas produções discursivas.

Considerando a limitação desse artigo abordaremos a seguir aspectos gerais sobre os dois aplicativos em foco por julgarmos importantes para o objetivo do nosso estudo.

O aplicativo TikTok, de criação e propriedade da Companhia de tecnologia chinesa Byte Dance, como as demais redes sociais, apresenta uma configuração própria, com funcionalidades como músicas, dublagens, filtros, efeitos, linguagem verbal e imagens que permitem o trabalho de criação espontânea de vídeos. É possível que as publicações sejam vistas por todos os sujeitos sem obrigatoriedade de abertura de uma conta. Basta que o sujeito receba um link de acesso e que navegue no aplicativo. No entanto, para interagir com outros usuários e produzir conteúdo é necessário cadastro no aplicativo com inclusão de dados pessoais, traçando um perfil singular da conta. O usuário

tem a possibilidade de manter sua privacidade liberando acesso a sua conta somente para aqueles que ele deseja que sejam seus seguidores.

O aplicativo se constitui de comunidades denominadas que apresentam um estilo próprio de comunicação caracterizando uma cultura particular, com ênfase na interação criativa e divertida. Como apontado no documento norteador de suas ações – Diretrizes da Comunidade TikTok – “Nossa missão é inspirar criatividade e trazer alegria” (DIRETRIZES, 2022, [s.p]). Ainda nesse documento, são especificados as normas e um código de conduta acerca da segurança, diversidade, inclusão e autenticidade, buscando manter nesse espaço um clima acolhedor e seguro para seus usuários.

Seus usuários são livres para postarem o que desejam, pois o ambiente do aplicativo permite a produção e o compartilhamento de diferentes estilos de conteúdo. Percebe-se que os produtores de conteúdo utilizam suas narrativas audiovisuais como uma forma de falar de si mesmo, de seus gostos, de suas vivências e preferências. Através de suas postagens os sujeitos vão dando visibilidade de si ao mundo. Pino (2006, p. 49) nos chama a atenção para o fato de que o ato de criação é uma atividade humana que nos remete ao campo da autodeterminação, da liberdade e da consciência. Através da sua criação o sujeito manifesta sua forma de ser e de viver.

O aplicativo Instagram foi criado em 2010, pelo americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. Inicialmente, era limitado ao ecossistema da Apple, sendo disponível apenas nos iPhones. Após sua aquisição pelo Facebook³, foi lançado sua nova versão, passando, então, a ser acessado também pelo sistema operacional Android. É um aplicativo que pode ser interligado ao Facebook, ao Twitter e a outros aplicativos. O seu lançamento previa a publicação de imagens em formatos simples. No decorrer do tempo, o aplicativo sofreu várias transformações e passou a permitir o compartilhamento de vídeos e fotos em variados formatos, sendo disponibilizado para o criador a possibilidade de utilizar diferentes ferramentas e filtros de edição de imagens e sons que resultam em efeitos diversos de acordo com os sentidos que desejam expressar em suas narrativas audiovisuais. Nos anos de 2016, pela pressão recebida da Snapchat⁴ o Instagram difundiu o stories – formato de publicação em vídeos de até 15 segundos, que pode ser de transmissão ao vivo e que desaparecem em 24 horas. A base de sustentação do aplicativo,

³ Facebook – Rede social virtual operada e de propriedade privada da Meta que reuni bilhões de usuário em todo o mundo.

⁴ Snapchat – Rede social de mensagens instantâneas dedicada ao sistema Android e iOS. Seu diferencial é que seu conteúdo (fotos, vídeos e textos) só pode ser visto uma vez, pois é autodestrutivo.

como das demais redes sociais, é a interação que transcorre através dos perfis dos usuários e de seus seguidores. Sendo assim o aplicativo é composto por perfis, onde é possível serem encontradas informações básicas do usuário - o tipo de conta, o número de seguidores e as publicações já realizadas. Os perfis são criados a partir da abertura de contas que podem ser públicas ou privadas. No caso das contas privadas, somente é possível a visualização dos conteúdos publicados mediante autorização do autor. Há o *feed* ou *timeline* que é o espaço onde são encontradas as publicações de contas seguidas e as seções explorar (mosaico personalizado de fotografias, vídeos, histórias mais populares) e atividade (registro de interações do usuário e das pessoas que seguem) e o chamado Instagram Direct destinado a troca de mensagens instantâneas privada entre os seguidores.

4. As narrativas infantis nas telas das redes sociais

As crianças da atualidade assumem como parte de sua vida cotidiana sua presença nas mídias digitais. Suas experiências entorno das interações midiáticas têm transformado o lugar social assumido por elas, historicamente, na produção de cultura. Como nos diz Pereira (2015, p.291) essa ampliação, não só de participação, mas de atuação na produção cultural nos convida a direcionarmos um novo olhar para a infância.

Embora haja preocupação com os perigos oferecidos para as crianças que vivem imersas na cultura digital e, nós compartilhamos com a referida preocupação e não nos passa despercebido a responsabilização do adulto com relação aos cuidados com as crianças e com os conteúdos aos quais estão expostas quando estão atuando na internet, não podemos desconsiderar o surgimento de um outro estilo de infância diante do novo papel assumido pelas crianças no processo de produção de linguagens e de interação sociodiscursiva mediados pelas tecnologias digitais.

As crianças estão cada vez mais atuantes, criando suas próprias identidades sociais, através de seus perfis, produzindo conteúdos e tendo seu desenvolvimento social e cognitivo modificados pela relação que estabelecem com o escopo de informações, conhecimentos e entretenimentos apresentados no universo midiático, em especial nas redes sociais. As crianças estão enunciando, se dando a conhecer, interagindo de forma criativa e divertida. Como citado por Pereira (2015, p.292) as crianças estão disputando autoria, com um perfil diferente de produtor de linguagens. Fato que nos encaminha a percebermos que a relação adulto-criança, até então muito consolidada pelo viés do vir a ser da criança, está sendo reconfigurada nesse espaço de produção de cultura. As crianças,

embora não tenham suas experiências de imersão plenamente concebidas, criam táticas de resistência para burlar os constrangimentos legais que as afastam das redes. Certeau (1994) nos ajuda a pensar o cotidiano a partir do que ele apresenta enquanto possibilidade de invenção. As resistências consistem no sujeito comum praticar novas interpretações do mundo e desenvolver pequenas liberdades com as quais subverte o poder em sua racionalidade. De forma sutil e silenciosa os sujeitos criam brechas na opressão, ou seja, nos constrangimentos aos quais são submetidos no cotidiano. As crianças também se inserem nessas lógicas e não são meras reprodutoras de padrões socioculturais vigentes. “Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina...” (1994, p. 41-42). As táticas se traduzem em outras maneiras de fazer, nas quais o “mais fraco” se apropria dos elementos destinados a ele e cria uma nova sintaxe. Assim também as crianças nas redes. Para Certeau,

a tática: ...só tem por lugar, o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar seus preparos suas expansões e assegurar uma independência (...) o que ela ganha não guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões. (1994, p. 46-47)

Assim, no ambiente da cibercultura os sujeitos – crianças e adultos - são entendidos como sujeitos ativos, criativos, que a partir de suas singularidades e de forma colaborativa, ressignificam e recriam cultura. O sujeito colaborativo da cibercultura ou interator pode, potencialmente, ser todo e qualquer sujeito (MACHADO, 2002, apud PEREIRA, 2014, p.148).

A dinâmica interacional que se constitui nos ambientes virtuais apresenta uma outra forma de comunicação em que os temas, o conteúdo e o estilo são marcados pelos artefatos disponíveis em cada rede social – ícones, *emoticons*, *trends*, *challenges* e demais efeitos para a materialização do discurso, em acordo com o auditório social a que se destina a produção dos enunciados. Com Volóchinov (2017, p. 216) aprendemos que o enunciado como tal é em sua completude um produto da interação social, [...], definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante. Todo enunciado é produzido em direção ao seu outro, ao seu interlocutor, que no caso das postagens em aplicativos, é um outro que não está presente, mas que compõe a rede de relacionamento do produtor do discurso. Assim, fundamentadas em Bakhtin (2015) compreendemos as redes sociais na perspectiva dialógica e alteritária.

A partir dessa compreensão, borrando os limites acerca das questões de proteção, segurança e dos discursos dos adultos que pré-definem os lugares em que as crianças

podem atuar, buscamos evidenciar, a partir de análises interpretativas em caráter ensaístico, o que comunicam e os sentidos que as crianças compartilham em suas produções audiovisuais a partir da experiência social que vivenciam nos aplicativos do TikTok e Instagram. Assumimos como fundamentação teórico-metodológica para a realização das análises a articulação da teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin com o paradigma indiciário de Carlos Ginzburg (1989). O paradigma Indiciário se caracteriza por uma metodologia de investigação epistemológica de caráter qualitativo e interpretativo que não desconsidera a totalidade do fenômeno, mas que busca captar detalhes, sinais, indícios que possibilitem a elaboração de hipóteses explicativas para o objeto do estudo.

5. Falando de si para o mundo: Vídeos e imagens nos aplicativos

No conjunto de vídeos analisados, adotamos como recorte do estudo para este artigo, em caráter experimental, a análise de três vídeos elaborados por duas meninas⁵, com faixas etárias distintas, perfis sociais bem diferenciados e que apresentam, no nosso entender, relações distintas com as redes sociais estudadas – TikTok e Instagram. Conseqüentemente, as criadoras apresentam formas bastante dissemelhantes na produção de conteúdos e no estilo de suas criações.

O primeiro vídeo analisado foi publicado no Instagram, tendo sido produzido por uma menina de 8 anos, cuja conta é privada e, segundo expresso em seu perfil, é supervisionada por sua responsável. Cabe salientar que meu acesso a conta foi autorizado por sua responsável para fins de estudos e pesquisa. Além disso é apresentado em seu perfil seu signo, que ela tem um animal de estimação, que ela é bailarina e uma simbologia referente a sua crença religiosa. Com relação a sua identidade, ela se expressa enquanto ela mesma, não recorrendo a outras formas e possibilidades de apresentação de si. Sua rede de relacionamento é formada de 154 seguidores e 198 usuários que ela segue. Ela já realizou 90 publicações constituída de fotos e vídeos com dublagens, brincadeiras, dancinhas⁶ e eventos vividos. Em seus vídeos, no geral, ela assume o papel de narradora e de protagonista. É perceptível que em muitos momentos ela brinca com a câmera, na maioria das vezes sozinha. No movimento de interação com os recursos tecnológicos, a

⁵ Optamos neste ensaio pela não identificação das crianças embora suas postagens estejam nas redes sociais.

⁶ Postagem recorrente que geralmente provoca a execução por outros usuários dos membros dos movimentos com as mesmas músicas e que tendem a viralizar dependendo do alcance daqueles que a reinterpretem. O nome no diminutivo é o habitual entre os usuários.

menina vai brincando, cantando, utilizando os filtros – efeitos da câmera do aplicativo para modificar a realidade e atingir a imagem desejada e vai encenando acontecimentos engraçados da vida cotidiana.

Utilizando o recurso de *printscreen*⁷ capturamos imagens do desenvolvimento sequencial do vídeo objetivando tecer compreensões sobre o conteúdo da expressão discursiva, bem como sobre o estilo e a criatividade da autora.

Figura 1 – Vídeo da primeira menina.



Fonte: Arquivo digital do Instagram 13.10.2022 (*printscreen* das autoras).

Assistindo ao vídeo e mesmo através das imagens é perceptível que a menina vai brincando e com o apoio do aparato técnico disponível, ela vai materializando e modelando o seu discurso a partir dos seus atos. O significado e os sentidos expressos nesse discurso se concretizam pela junção da linguagem verbal com recursos extraverbais. A menina brincando, encenando em frente à tela vai narrando sobre si, sobre seu contentamento diante do evento ocorrido. Seus gestos, seus olhares e seus movimentos corporais são manifestações expressivas que compõem a textualização do seu discurso digital e vão tecendo os sentidos expressos no enunciado. Pelos recursos disponíveis no ambiente digital a menina usa também a linguagem verbal como forma de explicar a razão de ser da sua satisfação e adiciona a expressão entonacional ‘Eeeeeeeee’ no seu discurso. A reprodução da letra “e” por várias vezes indicia um tom para essa expressão que surge da valoração feita pela menina, sendo a mesma carregada de sentidos.

⁷ É basicamente uma foto do que está sendo apresentado no vídeo. É a captura da tela.

Seus interlocutores, aqueles para quem se destina seu enunciado, conseguem compreender a comemoração feita pela menina pelo fato de pertencerem ao mesmo contexto sociocultural. De acordo com Volochínov,

A entonação sempre se encontra no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Mediante a entonação, a palavra se relaciona diretamente com a vida. E antes de tudo, justamente na entonação o falante se relaciona com os ouvintes: a entonação é social por excelência (VOLOCHINOV, 2013, p. 80).

Sob a perspectiva dialógica de Bakhtin consideramos que a menina expressa um discurso revelador da presença de vozes alheias que antecederam a sua narrativa e evidencia que os sujeitos se constituem nas relações discursivas mediados pela linguagem.

Na análise do vídeo ficou explícito que a menina assume uma posição enunciativa autoral, criando seu discurso a partir da reprodução de um comportamento da vida cotidiana dos sujeitos por meio de uma linguagem multissemiótica. Dessa maneira, partilha com sua rede de relacionamento essa experiência de brincar com as ferramentas digitais na construção do seu dizer. Como referenciado por Pereira (2021, p. 26) as crianças circulam em produções audiovisuais revelando as fisionomias das infâncias contemporâneas.

O segundo vídeo analisado nos apresenta uma criadora no aplicativo do TikTok, cujo perfil é bastante diferenciado. Ela é uma menina de 13 anos. Sua conta é pública, ela segue 1344 usuários e possui na sua rede de relacionamento 940 seguidores. Como forma de apresentação, usa a própria imagem do seu rosto e seu nome de forma abreviada com alguns caracteres, provavelmente usado como estratégia de diferenciação.

Analisando a conta da menina, observamos que ela é extremamente ativa, produzindo e compartilhando uma multiplicidade de vídeos, inclusive no mesmo dia. Constatamos, analisando em minúcias a figura fundo dos vídeos, que ela faz a sua produção em diferentes e inusitados lugares, indiciando que mesmo ao estar vivenciando situações diferenciadas, a menina desloca sua atenção para o TikTok, nos demonstrando uma necessidade constante de dar visibilidade aos seus fazeres. É como se ela estivesse constantemente inspirada e preparada para entrar em uma cena fazendo do espaço virtual um palco. Esse comportamento representa um fenômeno da cultura contemporânea em que se adere uma nova forma de se enunciar, de se amostrar para o mundo, acompanhando as transformações históricas e sociais ocorridas na contemporaneidade. Medeiros (2010, p. 152) baseada nos estudos de Freud nos aponta que uma das características da sociedade

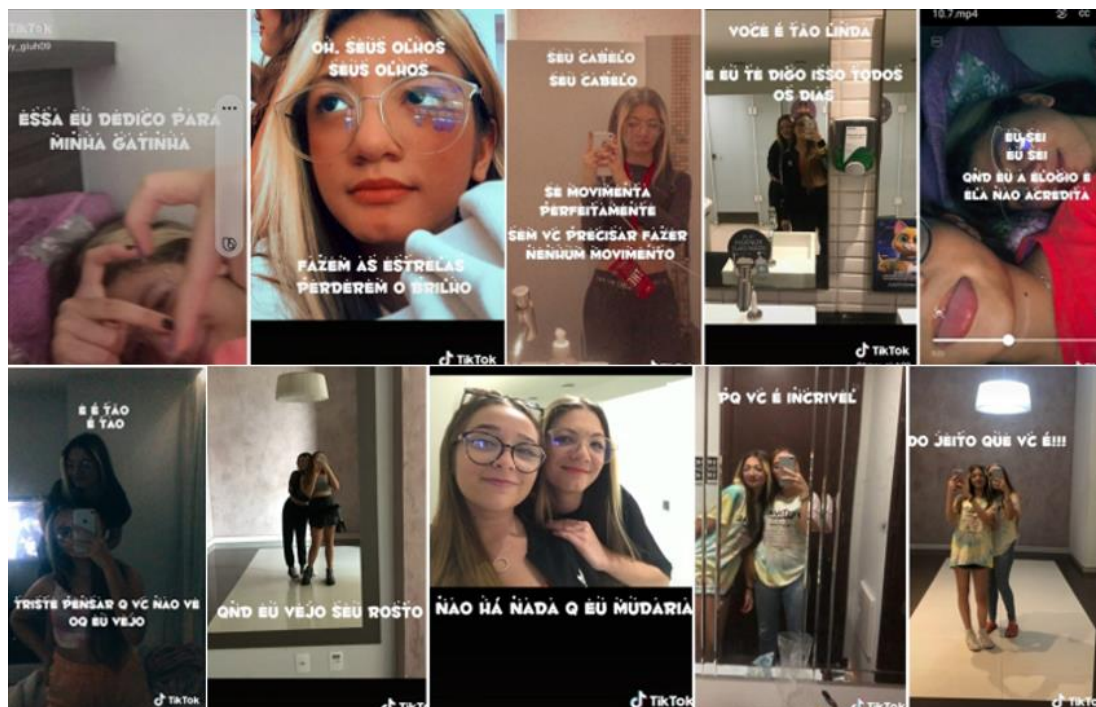
contemporânea é a cultura do narcisismo. Segundo Freud (1980, v. 14, p.89 *apud* MEDEIROS, 2010) o narcisismo é como um lugar no curso regular do desenvolvimento humano. Seria um processo psíquico em que o sujeito toma a si mesmo (seu corpo, suas ideias) como objeto de amor. É como se um processo de fortalecimento do seu ego, da sua autoestima, estivesse diretamente relacionado a correspondência dos outros.

Concordamos com esse pensamento de que os sujeitos contemporâneos necessitam de uma autopromoção, de apresentação para os seus pares de suas experiências, suas conquistas, sua vida real e comum. Com base numa atitude valorativa eles produzem vídeos, postam fotos, curtem, compartilham e, assim entendemos a possível existência de um narcisismo coletivo. E a menina aqui observada, como muitas e muitas crianças, nos demonstra ter acolhido essa tendência.

Voltando aos seus vídeos destacamos que as produções audiovisuais são extremamente criativas. Sem dúvida, o estilo de produção criado pela menina, além de indicar uma posição enunciativa e valorativa é extremamente atravessado por recursos expressivos da linguagem digital, em especial pelas ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo para o criador. Em muitas das vezes, os vídeos são feitos em parceria com seus pares, sendo privilegiados os vídeos do tipo com apresentação de músicas, dancinhas e dublagens.

Ainda nos valendo do recurso de print apresentamos a seguir uma sucessão de imagens que no seu encadeamento nos permite entrar em diálogo com o discurso da criadora buscando a partir de indícios, apresentados no cenário digital, produzir sentidos e significados de forma abdutiva.

Figura 2 – Vídeo 1 da segunda menina.

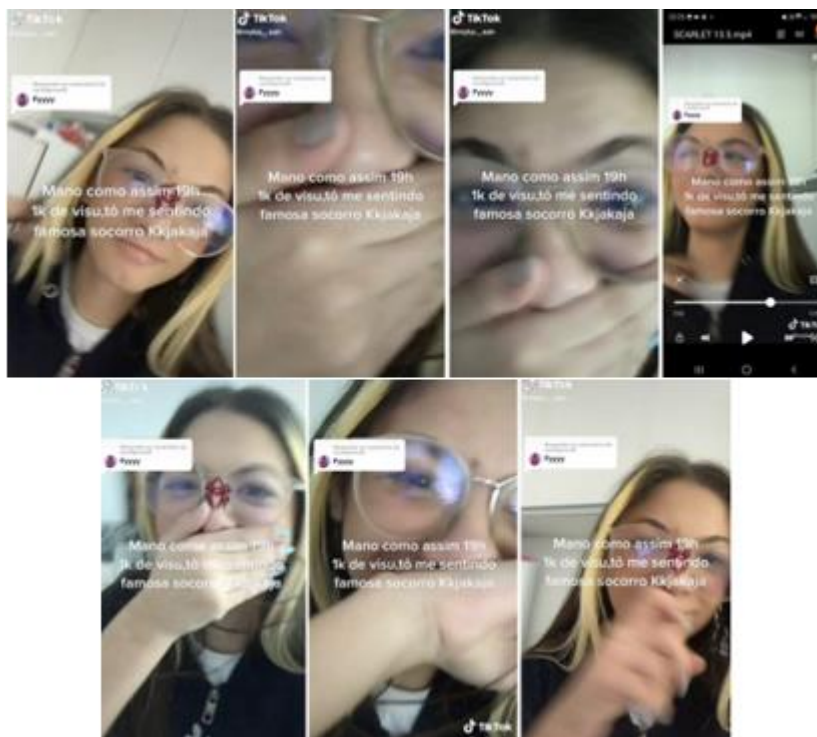


Fonte: Arquivo digital do Tik Tok 10.07.2022 (*printscreens* das autoras).

Para a concretização do seu discurso, a menina opera com uma multiplicidade de ações em torno do que deseja dizer para o seu outro. Ela se apropria do discurso de outrem e, a partir de um ato de valoração, traduz a música e vai montando sua obra conjugando alguns trechos com fotos que possam ilustrar e expressar todo o seu sentimento, afeto e admiração para o seu interlocutor direto. Esse interlocutor imediato, no nosso entendimento, é uma amiga bem próxima com a qual ela partilha diferentes experiências no cotidiano. As imagens nos revelam os diferentes espaços/tempos que são compartilhados e vividos pelas meninas. Pelos efeitos e recursos tecnológicos disponíveis, ela materializa o seu projeto de dizer e, através da postagem do vídeo, torna público o seu sentimento de amizade de maneira criativa. Essas operações realizadas pela menina no aplicativo nos evidenciam o quanto ela sabe explorar as potencialidades técnicas dos recursos disponíveis – a tradução da música, os efeitos na linguagem escrita e na sua imagem e a sequenciação das fotos, construindo produtos audiovisuais que marcam seu processo de autoria e o seu lugar no ciberespaço como (re)criadora de cultura.

Ainda nos remetendo as produções audiovisuais dessa menina, a seguir apresentamos a descrição de um outro vídeo pelo fato de considerarmos que ele explica e justifica o comportamento relatado no que se refere ao ato intenso de produção e compartilhamento de vídeos. Vejamos:

Figura 3 – Vídeo 2 da segunda menina.



Fonte: Arquivo digital do TikTok 13.05.2022 (*printscreens* das autoras).

Analisando essa produção concluímos que a reação da menina decorre de uma publicação anterior. Em seu discurso, com uma linguagem escrita intrínseca aos usuários do aplicativo TikTok, a menina, em diálogo com seus seguidores, faz uma associação entre o tempo da postagem de um vídeo com a sua repercussão, seguido de um número surpreendente de visualizações. Ela se expressa pelo gênero postagem em resposta ao outro, a um outro que visualizou sua publicação. É um ato de responsabilidade direcionada a um auditório social, a sua rede de relacionamento on-line. Nesse ato de criação autoral, a menina configura uma inter-relação entre ela e seus interlocutores, refletindo o processo alteritário no engendramento do seu discurso. A expressão ‘mano como assim [...]’ indicia um espanto, algo inesperado. Podemos considerar o fato como uma conquista para a menina, anunciada pelas suas expressões de euforia, alegria, algo inacreditável que fez com que ela se sentisse no caminho da fama. Medeiros (2010, p. 129) afirma que nas relações on-line existe o impulso consumista, voltado para a aquisição de números: mais recados, mais amigos, mais visualizações. Quanto mais amigos, mais visível, mais popular, mais famoso. O enunciado ‘tô me sentido famosa socorro kjkakaja’ e todo o contexto da sua enunciação afirmam esse perfil, essa cultura de busca da viralização estabelecida nas redes sociais on-line. Por esse viés da ampliação da rede de seguidores e de visualizações existe o fenômeno da monetização, que não nos

cabe aqui a discussão, mas que vem influenciando muitos criadores de conteúdo em busca da rentabilidade de sua produção.

Considerações provisórias

O universo das redes sociais é um território de muita complexidade com amplo campo de estudos e pesquisas. Pela perspectiva do campo jurídico temos as questões de segurança, de privacidade, de poder, influência e de visibilidade. Por outro enfoque, pelo viés dos estudos da Linguagem, da Cultura e da Infância o ciberespaço é um espaço potencial para a circulação e produção de cultura e para o processo de constituição do sujeito em sua singularidade, levando-se em conta os diferentes modos de produção de linguagem e as mais diversas formas interação social.

Por meio das tecnologias digitais, utilizando-se de uma linguagem hipermediática os sujeitos criam suas redes de relacionamento on-line, trocando mensagens, curtindo e produzindo conteúdos de forma autoral e colaborativa.

As crianças não estão fora desse movimento da cibercultura. Muito pelo contrário. É latente a presença dos discursos infantis. Elas estão atuando de forma ativa, autônoma, autoral nos evidenciando a nova posição que ocupam tanto no que se refere a serem produtos da cultura como produtores de cultura. Com seus pares, de forma muito singular, as crianças vão dando significado a esse novo espaço de interação. Através de seus atos de exploração dos aparatos no espaço digital as crianças acabam revelando as transformações ocorridas nas experiências infantis na contemporaneidade e nos modos de ser criança. Pontuamos, que conforme estudo realizado de forma exploratória, as relações que as crianças estabelecem e a maneira como significam os recursos digitais disponíveis nos aplicativos TikTok e Instagram são bastante distintas. Essa variação ao nosso modo de ver está relacionada, dentre outras questões, com a faixa etária. As crianças de acordo com os interesses de sua idade e dos grupos sociais com os quais se relacionam, direcionam seu foco de atenção para a produção de diferentes conteúdos, desenvolvendo uma arquitetura dentro do gênero postagem em ambos os aplicativos – TikTok e Instagram. Elas enunciam em resposta a um outro suposto por elas e que demanda delas uma resposta, reafirmando desta forma, que os sujeitos se constroem na enunciação.

Com essa atuação as crianças afirmam sua potência ao desenvolver um estilo autoral que faz delas mais enunciativas, no momento em que postam, do que consumidoras de conteúdo. Desse modo, vão construindo suas subjetividades de forma

interativa e reafirmam seus papéis de atores sociais que são com formas distintas de apreensão do mundo e manifestação no contexto sociocultural.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, M. [1979]. *Estética da criação verbal*. 6ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

BRAIT, B. Linguagem e Identidade: um constante trabalho de estilo. *Trabalho, educação e saúde* v. 2, n. 1, p.15-32, mar. 2004. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/tes/a/fmcBTKbHMfQLWN8MfL3J45L/?format=pdf&lang=pt>
>. Acesso em: 23 fev. 2022.

BUCKINGHAM, D. Cultura digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 35, n.3, p.37-58, set./dez., 2010. Disponível em <
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077> >. Acesso em: 24 mar. 2023.

CUERO, R. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DIRETRIZES da comunidade. Tik tok, 2022. Disponível em: <
<https://www.tiktok.com/community-guidelines?lang=pt-BR> >. Acesso em: 23 mar 2023.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Paraná: Criar Edições, 2003.

GRUPO ATOS-UFF. Grupo de Estudos Bakhtinianos. *Palavras próprias-alheias: ela. Vida, arte, alteridade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados em mídia. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, Jul./Dez. 2010 Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/tla/a/pBy7nwSdz6nNy98ZMT9Ddfs/?lang=pt&format=pdf> >. Acesso em: 15 jun. 2022.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. Quando perdemos a confiança na linguagem? *Revista Brasileira de Alfabetização - ABALF*, Vitória, v. 1, n. 5, p. 15-30, jan./jun.2017. Disponível em <

<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/190> . Acesso em: 24 mar. 2023.

MAMEDE-NEVES. M. A. C.; DUARTE. R. O Contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 104 Especial, p. 769-789, out.2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

MEDEIROS, R. A. A relação de fascínio pelo Orkut: retrato da Hipermodernidade líquida, espetacular e narcísica. In: COUTO, E.; ROCHA, T. B. *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: EDUFBA, 2010.

MEDVIÉDEV, P. N. [1938]. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MONTARDO, S. P. Selfies no Instagram: Implicações de uma plataforma na configuração de um objeto de pesquisa. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 41, p.169-182, mai/ago., 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/tVTVvqNkybjrYwzmHDZ6Fb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

SMOLKA, A. B. B. Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações. In: ROSSET-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SOARES, A. P. *A rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 42-53. Disponível em: <<http://www.cindedi.com.br/file/f039909539cf7c06da5096fcc6b1483b>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PEREIRA. R. M. R. Precisamos conversar! Questões para pensar a pesquisa com crianças na cibercultura. In: REIS. M.; GOMES. L. O. *Infância: sociologia e sociedade*. São Paulo: Edições Levana/ Attar Editorial, 2015.

PEREIRA. R. M. R. O (en) canto e o silêncio das sereias: sobre o (não) lugar da criança na (Ciber) cultura. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 129-154, jan/jun. 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5120/512051609006.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PEREIRA. R. M. R; SILVA, P. Por uma ética nas produções audiovisuais na cibercultura: A infância em vídeos virais. *Cad. CEDES, Campinas*, v. 41, n. 113, p. 23-32, jan./abr., 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/cwr97yxWMmprsRRqvLXNB5s/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PINO. A. A produção imaginária e a formação do sentido estético: reflexões úteis para uma educação humana. *Revista Pro-Posições*. v. 17, n. 2, p. 47-69, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643628>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

ROJO. R.; MOURA. E. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA. L. *Linguagens híbridas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA. L. *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*. São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Comunicação.

VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, V. N. [1926]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad., notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio intr. Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 3, 2017.